

# Da Santa Ceia

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

*Seção I. Na noite em que foi traído, nosso Senhor Jesus instituiu o sacramento do seu corpo e sangue, chamado Ceia do Senhor, para ser observado em sua Igreja até ao Fim do mundo, a fim de lembrar perpetuamente o sacrifício que em sua morte Ele fez de si mesmo; selar aos verdadeiros crentes os benefícios provenientes. Desse sacrifício para o seu nutrimento espiritual e crescimento nele e a sua obrigação de cumprir todos os seus deveres para com Ele; e ser um vínculo e penhor da sua comunhão com Ele e de uns com os outros, como membros do seu corpo místico. [1]*

A seção I descreve brevemente a instituição da Ceia do Senhor. A última refeição da Páscoa tinha acabado de ser comida. Ela tipificou o sacrifício que ocorreria no dia seguinte. Nessas circunstâncias Cristo substituiu a Páscoa por uma cerimônia mais simples, a qual nos ordenou repetir até que ele venha novamente. Fazei isso em memória de mim, ele disse, e todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha. Mas esse serviço simples tem sido grosseiramente mal-entendido e supersticiosamente pervertido.

*Seção II. Neste sacramento não se oferece Cristo a seu Pai, nem de modo algum se faz um sacrifício pela remissão dos pecados dos vivos ou dos mortos, [2] mas se faz uma comemoração daquele único sacrifício que Ele fez de si mesmo na cruz, uma só vez, e por meio dele uma oblação de todo o louvor a Deus; [3] assim o chamado sacrifício papal da missa é sobremodo ofensivo ao único sacrifício de Cristo, o qual é a única propiciação por todos os pecados dos eleitos. [4]*

*Seção III. Nesta ordenança o Senhor Jesus constituiu seus ministros para declarar ao povo a sua palavra de instituição, orar, abençoar os elementos, pão e vinho, e assim separá-los do comum para um uso sagrado, tomar e partir o pão, tomar o cálice dele participando também e dar ambos os elementos aos comungantes [5] e tão somente aos que se acharem presentes na congregação. [6]*

*Seção IV. A missa ou recepção do sacramento por um só sacerdote ou por uma só pessoa, [7] bem como a negação do cálice ao povo, [8] a adoração dos elementos, a elevação ou procissão deles para serem adorados e a sua conservação para qualquer uso religioso, são coisas contrárias à natureza deste sacramento e à instituição de Cristo. [9]*

*Seção V. Os elementos exteriores deste sacramento, devidamente consagrados aos usos ordenados por Cristo, têm tal relação com Cristo Crucificado, que verdadeira, mas só sacramentalmente, são às vezes chamados pelos nomes das coisas que representam, a saber, o corpo e o sangue de Cristo; [10] porém em substância e natureza conservam-se verdadeira e somente pão e vinho, como eram antes. [11]*

*Seção VI. A doutrina geralmente chamada transubstanciação, que ensina a mudança da substância do pão e do vinho na substância do corpo e do sangue de Cristo, mediante a consagração de um sacerdote ou por qualquer outro meio, é contrária, não só às Escrituras, mas também ao senso comum e à razão, destrói a natureza do sacramento e tem sido a causa de muitas superstições e até de crassa idolatria. [12]*

1. 1 Co xi.23

2. Hb ix.22,25,26,28.

3. 1 Co xi.24-26; Mt xxvi.26,27

4. Hb vii.23,24,27; x.11,12,14,18

5. Mt xxvi.26-28; Mc xiv.22-24; Lc xxii.19,20; 1 Co xi.23-26

6. At xx.7; 1 Co xi.20

7. 1 Co x.6

8. Mc xiv.23; 1 Co xi.25-29

9. Mt xv.9

10. Mt xxvi.26-28

11. 1 Co xi.26-28 Mt xxvi.29

12. At iii.21; 1 Co xi.24-26; Lc xxiv.6-39

Numa ocasião, eu e um amigo visitamos alguns professores luteranos. Talvez eles não recebessem muitos visitantes calvinistas, ou talvez eles meramente quisessem iniciar uma conversa; mas de qualquer forma, um deles perguntou quais eram as diferenças entre calvinistas e luteranos. Visto que não estávamos numa missão polêmica, não parecia sábio mencionar algum tópico de disputa maior, tal como predestinação ou perseverança; assim, procurei por algo tecnicamente obscuro e comentei que os calvinistas não aceitavam a teoria do *communicatio idiomatum* (Essa é a teoria de que as qualidades da natureza divina de Cristo podem ser atribuídas à sua natureza humana). Mas instantaneamente, um dos cavalheiros, que não era professor de filosofia nem de teologia, mas de história, replicou que uma negação desse ponto minaria toda a visão luterana dos sacramentos. Com tal compreensão imediata, minha estima da erudição luterana, já alta, aumentou ainda mais. Mas isso me fez

lembrar de uma grande tragédia da história: que o Luteranismo tem sustentado tenazmente o único ponto no qual Lutero diferiu dos calvinistas, enquanto ao mesmo tempo se afastou de Lutero em muitos pontos em que o mesmo estava de acordo [com os calvinistas].

Ao atribuir à natureza humana a Cristo, particularmente ao seu corpo, o atributo divino da onipresença, os luteranos mantêm uma visão da Ceia do Senhor que não foi muito desassociada da mui objetável visão Romana.

Como alguém pode esperar, a Confissão de Westminster, ao explicar a Ceia do Senhor, enfatiza a distinção entre as visões evangélica e romana. Os dois pontos mais importantes dos quais o Romanismo se apartou do ensino da Escritura são a teoria da transubstanciação e a doutrina derivada de que a missa é realmente um sacrifício expiatório.

A transubstanciação é a teoria de que o pão e o vinho, pelo pronunciamento mágico do sacerdote, se tornam, em substância, o próprio corpo e sangue de Cristo. Embora as qualidades sensitivas (isto é, a cor, sabor, consistência, etc.) dos elementos permaneçam inalteradas, Roma sustenta a teoria da transubstanciação por um apelo à filosofia de Aristóteles na qual uma relação particular entre substância e acidente é elaborada. A filosofia de Aristóteles é muito sutil para ser discutida aqui, e o pensador que tem a Bíblia como centro dificilmente pode fazer de Aristóteles o seu guia para a Ceia do Senhor. Quanto à base escriturística para a transubstanciação, os romanistas ensinam que as palavras de Cristo, “isto é o meu corpo”, transformam o pão em seu corpo. E até mesmo os luteranos, embora repudiem a transubstanciação, tomam essas palavras literalmente e insistem que o verbo *é* pode ter apenas um significado. Não se requer nenhuma erudição profunda para ver que isso não é assim. O verbo *ser* na Escritura pode e na verdade toma sentidos figurados bem como literais. Quando Cristo disse “eu sou a porta”, ele certamente não queria dizer que ele era um painel de carvalho com três polegadas de espessura. Novamente, “eu sou a ressurreição”, não significa literalmente que Jesus era Lázaro andando para fora do túmulo. No livro de Apocalipse o verbo *ser* é frequentemente usado no sentido de *representar*. Por exemplo: “As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas” (Apocalipse 1:20); “estas são as duas oliveiras” (11:14); e “as sete cabeças são sete montes” (17:9).

Se nossos oponentes desejam descer às trivialidades e argumentar que os exemplos dados usam o verbo *ser* no plural, enquanto é apenas o singular que pode ter um único significado, e não pode significar *representar*, então citamos Apocalipse 17:18 para elas: “E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra”. Veja também Mateus 13:37: “O que semeia a boa semente é o Filho do Homem”; isto é, o fazendeiro da estória representa o Filho do Homem. “O campo é o mundo... O inimigo que o semeou é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo”. Isso deveria ser suficiente para mostrar que o singular *é* pode e frequentemente significa representar. Similarmente, o pão é a figura do corpo de Cristo.

O que faz adicionalmente a transubstanciação abominável àqueles que permanecem com as Escrituras é a inferência traçada a partir dela. Se o pão é literalmente o corpo de Cristo, e se o sacerdote quebra o pão, então o corpo de

Cristo é quebrado novamente e o sacrifício da cruz é repetido toda vez que a missa é pronunciada. O Concílio de Trento (vigésima segunda edição, capítulo) afirma que “este sacramento é verdadeiramente propiciatório... porquanto, aplacado o Senhor com a oblação dele,... perdoa os maiores delitos e pecados. Pois uma e a mesma é a vítima”. Contra essa visão, as Escrituras são particularmente explícitas. Hebreus 9:22-28 dificilmente pode ser mal compreendido: “Nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes ... mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou... Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos”.

A partir dessas teorias anti-bíblicas, impostas pela autoridade da igreja Romana, várias práticas subsidiárias questionáveis têm se levantado, pois uma vez que a regra da Escritura é ignorada, não há restrições para a imaginação fértil do homem. Por conseguinte, a igreja Romana “reserva” um pouco do corpo e do sangue de Cristo e os carrega em procissões. Ao invés de celebrar a Ceia do Senhor como uma refeição comum, ela é servida a uma multidão particular. Contrário ao mandamento expresso de Cristo, nega-se o cálice aos leigos; e até mesmo substituem o pão por uma hóstia de glicose. Então também, embora Cristo tenha instituído a Ceia do Senhor após a refeição regular da Páscoa, a igreja Romana, novamente por um ato arbitrário de autoridade, exige que o seu povo faça jejum a partir da meia-noite para receberem a hóstia pela manhã. Por que uma ceia deve ser comida antes do café da manhã?

Mas se a igreja Romana é tão obviamente não-cristã, o que deve ser dito das igrejas modernistas? Quando os ministros rejeitam a autoridade somente da Bíblia, onde eles podem encontrar as regras e práticas da Ceia do Senhor – ou qualquer parte das administrações eclesiásticas – senão em suas próprias imaginações arbitrarias? Se não lhes parecer estético, eles empurrarão o púlpito e sua Bíblia para o outro lado, abolirão a mesa da comunhão, e colocarão um altar em frente à parede dos fundos. Agora, é fácil entender o porquê eles desejam remover a Bíblia do seu lugar de importância central; mas o que eles colocam em seu lugar? No que eles estão pedindo para a congregação colocar a atenção? Aquele pedaço de mobiliário que eles chamam de altar – o que eles sacrificam sobre ele? Certamente eles não sustentam nenhuma transubstanciação. Desafortunadamente, eles nem mesmo crêem que o sacrifício de Cristo no Calvário foi satisfatório à justiça do seu Pai. De fato, poderíamos perguntar o porquê tais igrejas continuam celebrando a Ceia do Senhor. O que eles querem dizer através disso? Tal pergunta, eu temo, não pode ser respondida claramente, pois essas igrejas não têm nenhuma regra infalível de fé para orientá-las sobre como deveriam glorificar a Deus.

Pelo contrário, uma igreja confessional, se ela crê em sua Confissão, conhece qual é o significado dos sacramentos, entende o porquê os administra, e ao invés de confiar em respostas vagas, imaginação desgovernada, ou gosto estético, podem dar explicações claras e francas a partir da Palavra de Deus.

Embora a administração obediente da Ceia do Senhor requeira um ministro ordenado para officiar, a necessidade da sucessão apostólica ou sua limitação a uma ou duas denominações não tem fundamento escriturístico.

Na Filadélfia, há alguns anos atrás a igreja Episcopal desejava patrocinar um culto de comunhão inter-denominacional. Os detalhes foram colocados diante dos ministros das outras denominações: o ministro Presbiteriano lia a Escritura; o ministro Batista pregaria o sermão e o Metodista pronunciaria a bênção. O sacerdote Episcopal – certamente, visto que sua igreja estava patrocinando o culto, deveria ter alguma parte – ele desejava ter uma parte muito curta no culto: ele ofereceria a oração antes da distribuição dos elementos. Tão modesto. Tão desprezioso.

Entre os ministros presentes estava um Episcopal Reformado. Ele disse que poderia aprovar as disposições dos ministros se uma pequena mudança fosse feita. Que o sacerdote Episcopal assumisse outra parte do culto, mas desse ao ministro Batista a oração da instituição.

Essa sugestão acabou com o encontro. Por que, exclamou o Episcopal, você deseja fazer isso? O que o Episcopal Reformado sabia, tendo se desligado da antiga denominação, e que os outros ministros pareciam não saber, era que na teoria Anglicana, não há nenhum culto de comunhão, a menos que um sacerdote Episcopal ou Romano pronuncie as palavras da instituição. Se um Batista ou um Presbiteriano fizer essa oração, o culto não terá sido válido, e nem transmitirá graça.

Agora, um culto verdadeiramente inter-denominacional é um no qual os ministros que estão cooperando realizam alguma parte. Um culto de comunhão Episcopal não se torna inter-denominacional apenas porque membros de outras igrejas estão presentes.

Por causa de toda unidade ostentada de ecumenismo, a incapacidade do Concílio Mundial de realizar um culto de comunhão mostra que as igrejas constituintes não consideram umas às outras como igrejas de Cristo. A unidade não está ali. Então, por que elas acreditam que está? Por que não dizer honesta e abertamente, como a Confissão de Westminster diz, que a igreja Romana, e tais e tais organizações, são sinagogas de Satanás, de anticristos e de filhos da perdição?

Essa linguagem pode não ser educada de acordo com os padrões modernos; mas ela é honesta e bíblica.

*Seção VII. Os que comungam dignamente, participando exteriormente dos elementos visíveis deste sacramento, [13] também recebem intimamente, pela fé, a Cristo Crucificado e todos os benefícios da sua morte, e nele se alimentam, não carnal ou corporalmente, mas real, verdadeira e espiritualmente, não estando o corpo e o sangue de Cristo, corporal ou carnalmente nos elementos pão e vinho, nem com eles ou sob eles, mas espiritual e realmente presentes à fé dos crentes nessa ordenança, como estão os próprios elementos aos seus sentidos corporais. [14]*

*Seção VIII. Ainda que os ignorantes e os ímpios recebam os elementos visíveis deste sacramento, não recebem a coisa por eles significada, mas, pela sua indigna participação, tornam-se réus do corpo e do*

*sangue do Senhor para a sua própria condenação; portanto eles como são indignos de gozar comunhão com o Senhor, são também indignos da sua mesa, e não podem, sem grande pecado contra Cristo, participar destes santos mistérios [15] nem a eles ser admitidos, enquanto permanecerem nesse estado. [16]*

13. 1 Co xi.28.

14. 1 Co x.16

15. 1 Co xi.27-29; 2 Co vi.14-16

16. 1 Co. v.6,7,13; 2 Ts iii.6,14,15; Mt vii.6

No capítulo anterior sobre Batismo foi observada a posição Romana de que a validade de um sacramento depende da intenção do sacerdote, e não da fé do adorador. Com respeito à Ceia do Senhor, o Protestantismo também enfatiza a fé e o entendimento do recipiente. Ele deve discernir o corpo do Senhor. Ele deve entender o significado. De outra forma, ele come e bebe indignamente. As pessoas que participam do culto de comunhão sem um entendimento suficiente são culpadas do corpo e do sangue do Senhor. Ao invés do culto ser um meio de graça para elas, comem e bebem condenação para si mesmas.

Portanto, o ministro que oficializa não deve pregar a Palavra de uma forma geral, mas particularmente advertir aqueles presentes para examinarem a si mesmos. Por um lado, não queremos nenhuma adição supersticiosa à Ceia do Senhor; por outro lado, não queremos desatenção e mal-entendido em sua celebração. Simplesmente queremos uma observância reverente, inteligente e escriturística.

**Fonte:** *What Do Presbyterians Believe?*, Gordon Clark, Presbyterian and Reformed Publishing Co., páginas 245-251.

**Sobre o autor:** Gordon Haddon Clark (31 de Agosto de 1902 – 09 de Abril de 1985) foi um filósofo e teólogo calvinista americano. Ele foi o primeiro defensor da idéia de apologética pressuposicional e foi Presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Era um especialista em filosofia pré-socrática e antiga, e ficou conhecido por seu rigor ao defender o realismo Platônico contra todas as formas de empirismo, por argumentar que toda verdade é proposicional, e por aplicar as leis da lógica.

Para saber mais sobre esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo.com*.